



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**KAREN HELENA LUEDEMANN**

**O USO DO TABLET COMO FERRAMENTA DIDÁTICO –  
PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO**

Brasília

2019

**KAREN HELENA LUEDEMANN**

**O USO DO TABLET COMO FERRAMENTA DIDÁTICO –  
PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE, da Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Prof. Dra. Paula Gomes de Oliveira

Brasília

2019

## Ficha catalográfica

Luedemann, Karen Helena.

O uso do tablet como ferramenta didático- pedagógica na alfabetização / Karen Helena Luedemann; orientadora Paula Gomes de Oliveira. -- Brasília, 2019.

45 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2019.

1. Criança e infância. 2. Alfabetização e Letramento. 3. Letramento digital. 4. Entrevistas. I. Gomes de Oliveira, Paula, orient. II. Título.

**KAREN HELENA LUEDEMANN**

**O USO DO TABLET COMO FERRAMENTA DIDÁTICO –  
PEDAGÓGICA NA ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para obtenção  
do título de licenciada em Pedagogia da Faculdade  
de Educação – FE, da Universidade de Brasília.  
UnB.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Prof. Dra. Paula Gomes de Oliveira  
(orientadora)

---

Prof. Dra. Andrea Cristina Versuti

---

Prof. Dr. Hélio Maia

---

Prof. Dra. Ireuda Mourão  
(suplente)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por minha existência e pela possibilidade de estudar em uma instituição renomada.

Agradeço aos meus pais por estarem sempre presentes em minha vida me incentivando a seguir em frente.

Agradeço ao meu irmão pela parceria e exemplo de perseverança e dedicação aos estudos e trabalho.

Agradeço aos meus amigos pelo incentivo e parcerias.

Agradeço à Universidade pela disponibilidade de espaços e riqueza de acervo para pesquisas e trabalhos acadêmicos.

Agradeço a minha orientadora Paula Gomes de Oliveira por sua paciência e carinho durante a elaboração deste trabalho.

## RESUMO

O presente trabalho visa estabelecer relações entre a utilização do tablet e a aprendizagem das crianças no processo de alfabetização. Tem como referências bibliográficas, o estudo de conceitos e teorias de autores da área da infância, alfabetização, letramento e tecnologias, em especial, Ariès (2016), Kohan (2003), Sarmiento (2008), Rojo (2006), Soares (2010), Terzi (2004), Kleimam (2004,2006), Coscarelli (2005), Lévy (1999) e Prensky (2001). Para tal, inicialmente aborda os conceitos de infância e criança, sob a perspectiva sociológica e filosófica e enfatiza a criança que aprende como um ser dotado de direitos, deveres e visões de mundo que devem ser considerados. Conceitua alfabetização e letramento com ênfase nos métodos adotados, mais frequentemente, no processo de alfabetização das crianças e termina com a definição de sujeito alfabetizado e também letrado com suas particularidades. Por fim, apresenta questões referentes ao letramento digital e aborda como a tecnologia atua nos campos da alfabetização. A pesquisa, de cunho qualitativo e exploratório, foi realizada em escolas de nível fundamental I por meio de um questionário aplicado às professoras que atuam nesse segmento de maneira a analisar como o mundo digital pode colaborar com a alfabetização das crianças. A partir das entrevistas, percebeu-se que, nas escolas estudadas, que o tema da pesquisa, que trata do uso de tablets na alfabetização, coincide com as práticas utilizadas como complemento no aprendizado dos alunos e ainda verificou-se que existe um conhecimento prévio dos pequenos, em relação ao manuseio do dispositivo, uma vez que em casa já existe a prática de manuseá-lo. Assim confirmou-se o uso do tablet como uma estratégia didático-pedagógica no processo de alfabetização e a necessidade de maior inserção da tecnologia nas práticas escolares das crianças.

Palavras-Chave: Alfabetização, Letramento, Multiletramentos, Tecnologia.

## ABSTRACT

The present work aims to establish relationships between the use of tablets and learning of children in the literacy process. Bibliographical references such as, *inter alia*, Ariès (2016), Kohan (2003), Sarmiento (2008), Rojo (2006), Soares (2010), Terzi (2004), Kleiman (2004; 2006), Coscarelli (2005), Lévy (1999) and Prensky (2001) were used to explore the concepts and the underlying theory of childhood, literacy and technology. Initially, it addresses the concepts of childhood and child, from the sociological and philosophical perspective, emphasizing that learning children are beings endowed with rights, duties and worldviews that should be considered. Literacy is conceptualized with an emphasis on the methods most often adopted in the children's literacy process. The literate subject is defined as well as the literate with its particularities. Questions related to digital literacy and how technology acts in the fields of literacy are presented. As part of the study, a qualitative and exploratory research was conducted in elementary schools, through questionnaires applied to teachers who work in this segment in order to analyze how the digital world can contribute to children's literacy. From the interviews realized in the studied schools, the research theme, which deals with the use of tablets in literacy, coincides with the complement to students' learning practices. It was also verified that there is a prior knowledge of the little ones in relation to the handling of the devices, since they handle them at home. This confirms that the use of tablets is a valid didactic-pedagogical strategy in the literacy process and that there is a need for greater insertion of technology in children's school practices.

**Keywords:** Literacy, Literacy, Multilanguage, Technology

## Sumário

1. MEMORIAL EDUCATIVO.....	1
2. INTRODUÇÃO .....	1
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	2
3.1- Criança e infância: conceitos sob um olhar cronológico .....	2
3.1.1 A infância como fase da vida.....	2
3.1.2 - A infância na filosofia.....	5
3.1.3 – A criança na sociologia .....	6
3.1.4 – A criança como sujeito de direitos em contexto de escolarização .....	9
3.2– Alfabetização e letramento.....	10
3.2.1- Alfabetização .....	10
3.2.2- Letramento .....	11
3.3. Letramento digital.....	14
3.3.1– Relação com a alfabetização.....	14
3.3.2– O uso do tablet na alfabetização .....	16
3.3.3 – A educação na cibercultura .....	18
4. METODOLOGIA.....	19
5. ENTREVISTAS .....	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	25
7. ANEXO.....	27
7.1- Entrevista 1:.....	27
7.2– Entrevista 2: .....	29
7.3 – Entrevista 3 .....	31
8. REFERÊNCIAS.....	33



## **1. MEMORIAL EDUCATIVO**

Nasci no dia 29 de novembro de 1968 em São Paulo. Meu pai, na Alemanha e minha mãe na Hungria. Após a segunda Guerra Mundial, vieram para o Brasil e se conheceram em São Paulo.

Morei durante meus primeiros quatro anos de vida em Marília, interior de São Paulo. Em seguida, mudamos para a Alemanha, onde meu pai realizou um curso de pós-graduação para futuros professores e fundadores da ESAF- Escola de Administração Fazendária. Voltamos e nos mudamos para o Rio de Janeiro onde permaneci por um ano e frequentei uma escola alemã. Foi quando meus pais se separaram. Aos seis anos retornei a São Paulo.

Do pré-primário ao terceiro ano permaneci em uma escola alemã. Com isso, fui alfabetizada nos dois idiomas: português e alemão. Tal fato influenciaria, mais tarde, a escolha da minha profissão.

Dos dez para os onze anos, mudamos para Brasília na tentativa de uma reconciliação dos meus pais, o que não ocorreu. Nesta época, meu pai já trabalhava na Câmara dos deputados como consultor jurídico.

Estudei, da quarta à sétima série, no Colégio Inei (Lago Sul). Depois a mesma escola abriu uma filial, com o nome de “Le Courbusier”, no Centro Comercial Gilberto Salomão, onde cursei a oitava série e o antigo segundo grau. Paralelamente ao segundo grau, cursei Magistério para o primeiro grau, o que me daria o reconhecimento do MEC como professora.

Minha mãe trabalhou como secretária e depois como assessora da parte cultural do Instituto Goethe. Em 1997 assumiu o cargo de assessora da Secretaria de Cultura do DF. Em 1999, se aposentou.

Em 1987, houve grande procura por professores de Alemão em uma escola de idiomas de nome Berlitz e, após uma semana de curso e treinamento, trabalhei como professora de alemão por um ano. No ano seguinte, em São Paulo, participei da primeira turma do curso de formação de professores de Alemão formada pelo

instituto Goethe. Embora não tivesse a formação exigida, permitiram minha participação pela falta de profissionais habilitados no idioma.

Eu era a mascote da turma e fiquei muito orgulhosa ao terminar o curso com louvor. Para pessoas residentes fora de São Paulo, era compacto, de oito horas diárias, com duração de um semestre e, para quem morava em São Paulo era de um ano.

A segunda parte do curso, com a participação de todos os doze participantes, durou mais um semestre e foi ministrada de julho a dezembro de 1989, na Alemanha, período em que vivenciamos a queda do muro em Berlim. Assim que terminei o curso e em 1990, fui contratada pelo Goethe Institut de Brasília, para ministrar aulas de alemão para adolescentes e adultos. Em 1998, o Goethe Institut foi fechado, abrindo o Goethe Zentrum Brasília, que continua sendo filiado ao Goethe Institut, onde trabalho até hoje.

Em 1992 passei no vestibular na UNB e comecei a cursar Pedagogia. Por ter de viajar para a realização de cursos de reciclagem em São Paulo e na Alemanha, acabei por abandonar o curso em 2000. No segundo semestre de 2014 refiz o vestibular e ingressei novamente na universidade, que agora estou prestes a concluir.

Atualmente, trabalho no Goethe Zentrum Brasília, com muito prazer, pois cada dia nossas condições de trabalho melhoram: a tecnologia avança e as editoras estão sempre atualizam os livros didáticos. Trabalhamos com a tecnologia Smart, quadros interativos, assim como com tablets em sala de aula e livros didáticos que são feitos para trabalhar com as tecnologias, o que facilita o trabalho do professor.

Foi isso que me despertou a curiosidade de saber como as crianças aprendem hoje nas escolas, com as tecnologias disponíveis, como os tablets, que algumas já dispõem em casa.

Infelizmente não posso trabalhar a pesquisa na área de alemão, pois não existe um colégio alemão em Brasília, mas desejo verificar como o uso do tablet impacta na alfabetização, pois, com certeza, crianças já chegam às escolas hoje

com algum letramento prévio trazido de sua experiência com esse produto da cultura social.

## 2. INTRODUÇÃO

A tecnologia está cada vez mais presente no universo humano. Em praticamente tudo que escrevemos e lemos está inserido algum recurso tecnológico. Cada dia mais, os seres humanos lançam mão de tais recursos para trabalho e diversão. Os meios digitais estão inseridos em todo ambiente e para serem mais bem aproveitados, torna-se necessário que seja avaliada a capacidade de entendimento do indivíduo e ainda o reconhecimento de suas potencialidades para que assim, possa haver sua capacitação.

Atualmente, percebe-se a inserção das crianças, desde a tenra idade, neste mundo virtual e por isso, também no universo acadêmico são criadas ferramentas que ensinam os pequenos a navegarem virtualmente. Com este avanço é possível tornar as aulas que, anteriormente se limitavam ao lápis e papel, em algo mais amplo e com acesso mais rápido e eficaz às novas informações.

Com isso, métodos de aprendizagem se enriquecem e tornam-se mais eficazes no aprendizado, caso utilizem as tecnologias como estratégias didático-pedagógicas. Em escolas com mais recursos, é possível verificar o uso de equipamentos mais modernos, inclusive pelo próprio aluno que dispõe de aparelhos como tablets no lugar dos tradicionais livros didáticos.

Atualmente, poucas escolas dispõem apenas de material virtual, já que esses recursos estão presentes nas escolas que atendem as classes média e alta. As classes populares, por vezes, possuem, na escola, laboratórios de informática que não são utilizados, devido, primeiramente, às questões de infraestrutura, depois devido à pouca capacitação dos professores na área tecnológica.

No caso de a escola ofertar tal material faz-se necessário ensinar, ao aluno, como manusear o dispositivo uma vez que, para fazer uso de tal tecnologia, são exigidas algumas habilidades como saber acessar um site, usar ferramentas na edição de um texto, trabalhar com elementos de formatação, dentre outras. Assim, é relevante verificar se tal avanço tecnológico funciona como facilitador de aprendizagem ou surge apenas como uma alegoria a mais na sala de aula.

Com interesse de investigar a complexidade deste universo, este trabalho tem como objetivo geral pesquisar situações em que o tablet facilita o aprendizado das crianças no período da alfabetização e como objetivos específicos, interessou-nos investigar como, com qual frequência e com qual objetivo tal ferramenta é utilizada pelos professores envolvidos nesse processo. Além disso, consideramos relevante saber como os pequenos alunos da fase inicial de aprendizagem interagem com tal tecnologia.

### **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O presente capítulo trata da infância como tema de estudo em áreas distintas e traz a evolução do tema no contexto acadêmico em áreas como sociologia, filosofia e educação. Aborda ainda os direitos da criança de acordo com o Estatuto da Criança com o objetivo de contextualizar aspectos da infância no contexto contemporâneo.

#### **3.1- Criança e infância: conceitos sob um olhar cronológico**

##### **3.1.1 A infância como fase da vida**

Tratar da criança e da infância simultaneamente torna-se possível pela proximidade dos temas. A infância, em uma apreensão geral, é a fase em que a criança vivencia suas primeiras experiências e inicia suas primeiras descobertas em relação ao mundo.

O tema surge já em textos da Idade Média, segundo Ariès (2010) O autor apresenta as fases da vida em um comparativo com os planetas, que são sete, e classifica, como primeira idade, a infância que dura até sete anos e define:

A primeira idade é a infância que planta os dentes, e nessa idade, a criança nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de enfant (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade, a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente as palavras pois ainda não tem dentes bem ordenados como dizem, nem firmes, como dizem Isidoro e Constantino. ( Ariès, 2016 p.6).

Na infância eram definidas fases que apresentavam mudanças de interesse e de atitudes. A primeira era a dos brinquedos, que era o ponto essencial da atenção da criança. Em seguida, surgiu a leitura como segunda fase, em que meninos aprendiam a ler e meninas se ocupavam do tear. (ARIÈS, 2016. p, 09).

Pelos estudos das pinturas dessa época, percebe-se a falta de representatividade da infância, pois segundo o autor, ao retratar crianças, pintores e artistas as reproduziam com características adultas, transformando-as em verdadeiros adultos em miniaturas. Apenas na segunda metade do século XII, a partir da caracterização da Virgem Maria com Jesus em seu colo é que se iniciam as representações de criança em corpo de criança.

Em outra análise, surgem os brinquedos que, apesar de figurarem no universo infantil, inspiravam-se no mundo adulto. “A criança, em seu universo, brincava com elementos trazidos do mundo dos adultos apenas com intenção de imitá-los”. Ariès (2016), em sua análise, apresenta brinquedos e elementos que confirmam tal afirmação. Cita, como exemplo, o cavalo de pau e o cata-vento como reproduções dos moinhos de vento e dos cavalos utilizados em guerras e batalhas, o que demonstra sua presença nas brincadeiras infantis. (ARIÈS, 2016) Há no contexto acadêmico uma evolução das idades e da infância. No início do século XIV, surge a divisão de turmas de acordo com a faixa etária e, dessa maneira, o colégio torna-se uma instituição essencial à sociedade. (ARIÈS, 2016). Já no século XV, inicia-se a divisão de classes em grupos com um mesmo professor, em um único lugar e, mais tarde, prolonga-se a idade necessária para se ingressar na escola, que passa a ser restrita, aos alunos de 9-10 anos, sob a alegação de incapacidade dos menores em acompanhar o ritmo dos maiores.

Já os séculos XVI e XVII, o colégio assume o papel de escolarização com foco na formação da juventude pautado na disciplina. Os educadores têm consciência de que a sociedade turbulenta, que vigorava, precisava de “pulso forte”. Os alunos eram submetidos a uma educação mais severa e estrita. Sendo assim, os colégios internos eram os melhores locais para uma melhor educação, segundo a própria família.

A criança submetia-se a uma disciplina rigorosa e, com isso, estabelecia-se uma diferença entre escolarizados e não escolarizados que eram aqueles que, por algum motivo, entraram no mundo adulto assim que seus passos e

suas línguas ficavam firmes. Essa divisão, segundo o autor, em nada se associava às condições sociais, ou seja, a escolarização não se restringia aos ricos, pois não se media conhecimento a partir das classes sociais. No século XVII, segundo o autor, se a escolarização não era um monopólio de uma classe, era com certeza de um sexo. Nesta época, as mulheres eram excluídas. Desde muito cedo eram tidas como adultas e a elas eram dispensadas a uma aprendizagem apenas doméstica. As mulheres mal sabiam ler e escrever e ainda eram submetidas a uma educação apenas religiosa. Apenas no final do século XVII surge uma instituição destinada às meninas que permaneciam lá dos 12 aos 20 anos. Como as instituições não eram separadas por classes, era possível ver meninas “de boas famílias” menos instruídas que as de classe inferior, pois estas aprendiam muito cedo, como afirma:

As meninas de boa família não eram mais instruídas do que as das classes inferiores e não podiam sê-lo até mesmo, pois, em certos casos as meninas do povo aprendiam a escrever com perfeição, como um ofício.  
(ARIÈS, p,127)

Em continuidade aos estudos acerca da criança, Lourenço Filho, em seu livro “introdução ao estudo da escola nova”, discorre a partir da ideia de que sendo a educação uma atividade intencional composta de conjuntos de ações exercidas sobre um ser para que um determinado objetivo seja alcançado, afirma ser lógico o fato de que para atingir os objetivos anteriormente citados seja levada em consideração a natureza do ser em questão. O autor reconhece o estudo da criança como sendo o ponto inicial de conhecimento do educando.

No estudo intitulado Pedologia surge duas hipóteses que, segundo o autor, influenciariam nos estudos da infância. A primeira trata da recapitulação abreviada teorizada pelo autor como a necessidade de que o ser humano, em seu desenvolvimento, passe por uma série de estados que aponte as várias formas de sua espécie e a segunda aborda a evolução natural de Darwin que afirma que a organização biológica e o comportamento do ser humano resultam no processo de adaptação ao meio.

A partir desses estudos, novas descobertas foram feitas acerca da criança. O autor segue e afirma que, para tal, várias associações foram criadas para tratar da infância. Com isso, mais tarde resultaria em uma nova disciplina: A pedologia ou

apenas ciência da criança cujo autor cita, como destaque, o educador Stanley Hall. (Lourenço Filho, 1961)

Ao longo dos anos, ao tratar da pedagogia, pôde-se verificar várias tendências pedagógicas que surgiram com características e propostas bem distintas. Tais tendências possuem características distintas e seguem padrões diferenciados na maneira de interação da criança com o conhecimento por ela adquirido, e isso terá impacto na forma como a criança é percebida no contexto escolar. A seguir será feito um recorte a partir de áreas como filosofia e sociologia.

### **3.1.2 - A infância na filosofia**

Ao falar dos aspectos filosóficos que abrangem a infância, verifica-se que tal temática foi abordada ao longo dos anos em várias áreas como a filosofia, sociologia, história, psicologia e educação. Segundo Kohan (2003), filósofo contemporâneo, o estudo da infância é o centro da preocupação acadêmica e áreas como história e psicologia se mostram muito ativas nesse processo.

O autor reflete, a partir de estudos verificados, a respeito da fixação da infância em torno da temporalidade e afirma ser importante situar tal tema para além de um viés cronológico. Segue a partir da análise do termo temporalização e tem, como fonte, a definição do termo baseado em vários pensadores a fim de modificar a noção predominante que temos de tempo, e que, por conseguinte, impactará na organização do tempo escolar das crianças e na crença do que elas podem produzir e aprender.

Primeiramente, cita Platão e Aristóteles com suas definições de tempo e, a partir de reflexões, considera o *Chronos* como aquele tempo que soma o passado com o presente e o futuro e o tempo como um limite do que já foi e o que ainda não é. Seria o tempo marcado pela cronologia do relógio.

Apresenta ainda dois termos utilizados pelos gregos na definição de tempo. O primeiro é *Kairós* que significa medida e oportunidade e o segundo é *Aión* que define o tempo da infância não como uma fase numerável e sim como algo intenso de duração, marcado pela experiência e capacidade de envolvimento da criança com a atividade. Este seria para o autor, o tempo mais destinado à aprendizagem.



Em outra análise, Kohan (2003), cita G. Deleuze, filósofo francês, e suas definições dos modos de temporalidade: o devir e a história. O primeiro seria o descontínuo que não possui um modelo a ser seguido e está sempre em processo e o segundo, o contínuo que apresenta um modelo a ser seguido.

Para o autor, há duas infâncias: a primeira trata da infância das majorias que possui uma continuidade cronológica com etapas de desenvolvimento e segue modelos de formação em uma sequência e a segunda trata das minorias que aborda as experiências e os acontecimentos que resistem ao seguimento de modelos rotulados. (KOHAN, 2003).

“Os conceitos de “devir” e infância das minorias” afinam-se com as definições de alfabetização e letramento numa perspectiva autônoma e produtiva que incluirá a possibilidade de utilização de recursos na educação das crianças. Tais definições serão tratadas posteriormente em um capítulo específico.

Tais conceitos colocam a criança em um lugar de destaque e protagonismo, posição que será muito importante quando pensamos em situações de aprendizagem nas quais as crianças são ativas, tal como no uso de tablets.

### **3.1.3 – A criança e a Sociologia da infância**

Com foco na perspectiva social, Sarmiento (2008), em seus estudos, afirma que, mesmo com toda preocupação acerca do tema, a sociologia da infância apenas se fortaleceu em seus estudos nas duas últimas décadas, ou seja, no início da década de 90.

O autor apresenta um paradoxo e afirma ser visível, de um lado, a importância e os cuidados com a criança e do outro, o alto índice de exclusão e sofrimento nesta fase da vida. O autor compartilha, com Ariès (2006), a ideia de que as crianças, por muito tempo, foram representadas como adultos em miniatura e que, em seus estudos, havia, em relação à criança, apenas sua imperfeição e sua incompletude (SARMENTO, 2008).

O autor segue e afirma que as crianças não eram vistas e nem ocupavam um status de ser social e diz:

As crianças são “invisíveis” porque não são consideradas como seres sociais de pleno direito. Não existem porque não estão no discurso social. (SARMENTO, 2008, p.4)

A modernidade no tratamento das crianças associa-se ao fato de elas serem confinadas em espaços alheios à sociedade e apenas circularem no contexto familiar e também em estabelecimentos como creches, internatos, reformatórios, orfanatos, dentre outros. Sarmiento (2008) reforça a ideia de que a criança na contemporaneidade assume um papel de interação tanto de saberes como social e, muitas vezes inverte com o adulto os papéis de receptor e destinatário de saberes e experiências.

O autor segue e cita como importante sociólogo, no que se refere ao estudo do indivíduo como ser social, Bernard Lahire que, dentre seus feitos, enunciou um programa que tem como tema uma nova sociologia voltada para a infância e defende, como linhas de desenvolvimento, o estudo das socializações em que estão presentes a família, as escolas, as instituições culturais, desportivas, políticas e religiosas e o da transferibilidade mental e comportamental. (SARMENTO, 2008).

Ainda como objetos de estudo da Sociologia da criança, estão tanto as próprias crianças como a infância como um todo, que figuram com papéis distintos, sendo essa classificada como categoria social e aquela como atores sociais, como define:

A Sociologia da Infância propõe o estabelecimento de uma distinção analítica no seu duplo objecto de estudo: as crianças como actores sociais, nos seus mundos de vida, e a infância, como categoria social do tipo geracional, socialmente construída. (SARMENTO, 2008, p.7)

Devido à dependência existente entre a infância e a categoria que é tratada pelo autor como geracional, foi constituída uma relação de desigualdade. Em um contexto atual, à infância foi dado o limite de 18 anos a partir da convenção sobre os direitos das crianças das nações unidas de 1989. No entanto, mesmo com todos os benefícios atribuídos a elas, tanto as desigualdades como as contradições entre gerações ainda persistem em um plano tanto diacrônico como sincrônico.

O plano diacrônico refere-se, segundo Sarmiento (2008), às várias imagens e papéis sociais atribuídos às crianças como, por exemplo, o trabalho infantil que, outrora, era admitido e atualmente é totalmente condenado. Como exemplo, o autor

cita o trabalho infantil em minas em que crianças eram utilizadas por terem uma estatura menor e assim poderem adentrar em galerias mais estreitas.

O plano sincrônico, por sua vez, refere-se às diferenças e contradições referentes aos diferentes gêneros, às classes sociais, à etnia, ao contexto social da vida e ao universo linguístico e religioso a que cada indivíduo pertence. Desta maneira, a relação das crianças torna-se ao mesmo tempo homogênea e heterogênea como afirma o autor.

... a condição social da infância é simultaneamente homogênea, enquanto categoria social, por relação com as outras categorias geracionais, e heterogêneas, por ser cruzada pelas outras categorias sociais. (SARMENTO, 2008, p. 8)

Ao analisar diferenças, o autor apresenta subdivisões na própria sociologia quando esta trata das crianças e segue com seus estudos ao apresentar as várias vertentes existentes no universo francófono e português.

Ao modelo francês, ele atribui o constante interesse pela criança, sua condição social como aluno e suas práticas sociais no contexto escolar e ao modelo português, a preocupação e o desenvolvimento precoce da sociologia da juventude com várias publicações e uma vasta produção empírica. (SARMENTO, 2008).

O Brasil surge com o devido interesse, pela área da infância, de maneira tardia e, apenas nos dias 19 e 20 de janeiro de 2000, em Braga, acontece o primeiro encontro, com renomados sociólogos da infância, em um contexto mundial.

Cabe ressaltar o destaque dado pelo autor a Portugal e seu desenvolvimento na área a partir de destaques em trabalhos que abordam como temas os maus-tratos infantis, a relação criança-televisão, o trabalho infantil, políticas públicas da educação e ainda a problemática de crianças de rua e sua internação em instituições judiciárias e a relação criança – internet.

Ainda em seus estudos, Sarmiento (2008) apresenta os estudos de Willian Corsaro, sociólogo americano, que afirma ser em torno do termo “reprodução” que se podem entender as variações no campo da sociologia da infância. O autor apresenta a reflexão de Corsaro na qual ele amplia o sentido do termo reprodução e o subdivide em estrutural e geracional.

Segue e apresenta o conceito, do autor, de reprodução interpretativa em que ele defende a ideia de que as crianças, ao conviverem com os adultos, recebem

estímulos para se relacionarem socialmente e, ao receberem, não se mantêm de maneira passiva, e sim, os transformam de acordo com suas interpretações, de maneira a configurar e transformar as formas sociais. (SARMENTO, 2008)

Em relação às correntes sociológicas, Sarmiento (2008) apresenta uma divisão estabelecida por Corsaro: de um lado, as teorias tradicionais da socialização que encontra suporte em correntes como o determinismo e construtivismo e do outro, a que será utilizada nesta pesquisa, a reprodução interpretativa em que as crianças participam da sociedade como seres ativos.

Sendo a criança um ser ativo, é possível inseri-la no contexto tecnológico para que possa ser estabelecida uma ligação do seu aprendizado com novas práticas como, por exemplo, a utilização do tablet em sala de aula que permite uma ampliação de conhecimentos.

#### **3.1.4 – A criança como sujeito de direitos em contexto de escolarização**

Segundo o Estatuto da criança e adolescente, a criança é a “pessoa até doze anos incompletos” e possui direito à proteção e à saúde. Dentre os seus direitos estão: poder brincar, praticar esportes e divertir-se.

Ainda como direito absoluto consta a educação que a criança faz jus, com igualdade de acesso e permanência. Em se tratando de escola pública, a criança tem ainda o direito de estudar em estabelecimento próximo a sua residência.

Ao governo compete a obrigatoriedade de fornecer gratuitamente o ensino fundamental que é dividido em Educação Infantil, ensino fundamental I e ensino fundamental II, o que garante à criança a permanência gratuita na escola dos 4 aos 17 anos. Assim, estando a criança matriculada na escola, cabe a ela informar aos órgãos competentes qualquer falha, negligência e maus – tratos ocorridos.

Para um melhor desenvolvimento acadêmico, serão respeitados os valores culturais trazidos pela criança conhecidos como conhecimentos de mundo. O estatuto acima citado foi criado com o objetivo de proteger a criança de maneira a garantir a ela segurança, carinho e possibilidades de se tornar cidadão. Quanto à educação, traz regras que deverão ser cumpridas para que ela tenha uma progressão cultural e acadêmica.

Sendo a alfabetização um processo que exige envolvimento e sistematicidade da criança, principalmente de classes populares, faz-se necessário uma atenção a este processo.

Ao tratar desta evolução torna-se relevante entender as etapas de escolarização e os métodos aplicados. Com isso, deve-se tratar de conceitos como alfabetização e letramento na escolarização das crianças, considerando seu direito à educação e também direito de ser alfabetizada.

### **3.2– Alfabetização e letramento**

#### **3.2.1- Alfabetização**

O termo alfabetização, segundo Soares (2010), trata-se do “processo de aquisição do código escrito e das habilidades de leitura e escrita”. (SOARES, 2010). A autora ainda pontua que escrever seria um processo de representar os fonemas em uma forma escrita e ler seria representar os grafemas em uma forma oral. Ressalta ainda que, para que o indivíduo seja considerado alfabetizado, não basta dominar tal processo, mas também conseguir compreender e exprimir os significados por meio do código escrito. (SOARES, 2010).

Para a autora, há uma dependência das características econômicas, culturais e tecnológicas para que esta alfabetização seja concretizada. Por ser considerado um conjunto de habilidades, o conceito de alfabetização abrange várias perspectivas: psicológicas, sociolinguísticas, psicolinguísticas e linguísticas propriamente ditas.

Soares (2010) afirma ser predominante a perspectiva psicológica nos estudos acerca do tema durante muito tempo, uma vez que estava associada à inteligência, ao desenvolvimento do processo e também aos elementos fisiológicos e neurológicos do ser humano.

A autora apresenta o termo alfabetismo e questiona a respeito do fato de se tratar de uma palavra que não é utilizada em nossa língua mesmo que sua negação, no caso, analfabetismo seja usual e ressalta a necessidade de utilizá-lo uma vez que se faz necessário associar o ato de ler e escrever às práticas sociais. Pontua ainda que o termo inglês *literacy* surge no final do século XX com o mesmo significado de

alfabetismo. No entanto, tal termo, mais tarde, surge com a mesma definição de letramento que será aqui tratado a seguir. (SOARES, 2010).

### **3.2.2- Letramento**

O termo letramento, com surgimento na década de 1980, vem como um processo que associa a leitura e a escrita (KATO, 2002). Dentre suas definições, Soares, em seu livro “Letramento, um tema em três gêneros” apresenta, segundo a etimologia da palavra, o conceito de que o termo trata da relação da leitura e escrita com o contexto social em que estão inseridas. (SOARES, 2009)

Para a autora, o saber ler e escrever não torna a pessoa letrada, pois isso só ocorreria a partir do momento em que ela se envolvesse socialmente e utilizasse sua leitura e escrita para inserir-se em práticas sociais. Neste caso, o indivíduo passaria a viver de maneira diferente na sociedade, inclusive na maneira de falar. (SOARES, 2009).

Para explicitar um pouco mais o conceito de letramento, a autora apresenta o conceito de leitura e escrita e define o ato de ler e escrever. Nesse momento, no caso da leitura, faz um paralelo entre o fato do indivíduo apenas decodificar palavras e conseguir ler um romance e conseguir compreendê-lo.

No caso da escrita também surge a diferença entre o indivíduo que se limita a escrever uma carta e um bilhete e aquele que consegue ir além e preencher formulários, escrever uma solicitação, criar um texto argumentativo, contar uma história, dentre outras práticas sociais. Assim, aquele que consegue inserir tanto a leitura como a escrita em suas práticas sociais é considerado letrado. (SOARES, 2009)

A autora afirma ainda que mesmo ao conseguir identificar a necessidade de inserir as práticas de leitura e escrita nos contextos sociais, faz-se necessário criar condições para que isso aconteça. Como primeira condição apresenta a necessidade de uma “escolarização real e efetiva da população” e como segunda, “a disponibilidade de material de leitura”, pois acredita não ser possível tornar-se letrado alguém que não tem acesso aos ambientes de letramento como livrarias, bibliotecas, dentre outros. (SOARES, 2009)

A autora segue e apresenta uma análise de que, na maioria dos casos, o letramento, quando definido, considera a leitura e a escrita como uma só habilidade e ressalta a ideia de que cada uma possui sua particularidade e afirma que “uma pessoa pode ser capaz de ler, mas não ser capaz de escrever; ou que alguém pode ler fluentemente, mas escrever muito mal”. ( SOARES, 2009).

Com isso, segue e afirma não haver oposição entre as duas categorias uma vez que estas se relacionam e diz:

A escrita é um processo de relacionar unidades de som a símbolos escritos, e é também um processo de expressar ideias e organizar o pensamento em língua escrita (SOARES, 2009, p.70/71)

Para Kleiman (1995), o termo letramento começa a circular em meios acadêmicos com o propósito de separar os estudos acerca dos impactos sociais da escrita dos estudos acerca de alfabetização e afirma:

O conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o “impacto social da escrita” dos estudos sobre alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita. (KLEIMAN, 1995, p.15)

Para Rojo (2006), o termo letramento diferencia-se de alfabetismo a partir do momento que trata e valoriza o uso das práticas sociais e envolve a escrita de acordo com os meios sociais, ao invés de tratar de competências e habilidades, possuir um caráter individual e ter como objetivo a valorização da escrita e da leitura (ROJO, 2006).

A alfabetização e o letramento, apesar de serem processos distintos, estão interligados a partir do momento que se torna necessários o domínio do primeiro para melhor compreensão do segundo. Assim um indivíduo alfabetizado possui mais chances de se inserir em contextos sociais diversos uma vez que sua compreensão e leitura do mundo tornam-se mais efetivas.

Na oralidade, a junção dos dois termos torna-se facultativa uma vez que em alguns casos, não é preciso que o indivíduo seja alfabetizado para compreender o que lhe é dito, ou seja, é preciso que o indivíduo ouça e apenas acate os comandos que lhe forem dados.

Rojo critica a perspectiva conceitual e metodológica segundo a qual, inicialmente, a leitura e a escrita têm, como objetivo, a compreensão do código e,

mais tarde, a necessidade de compreensão do que se lê. O que Rojo define como “ato de cognição que envolve não só o alfabeto, mas também um conhecimento prévio e as práticas sociais”. (ROJO, 2006),

Divide-se em três momentos a conceito de letramento: a compreensão do que é lido ou ouvido, a interação autor- leitor e o discurso. Na compreensão verifica-se como o texto é mostrado e o conteúdo que nele está inserido. Na interação autor-leitor verifica-se o momento em que o leitor interage com o autor e traz todo seu conhecimento de mundo e no discurso pode-se verificar o momento em que o leitor dialoga com o texto. Nesse momento, ela traz para o texto uma melhor interpretação, pois sua análise é permeada de argumentação e contextualização.

As práticas de letramento são definidas, por Kleiman, como práticas situadas, ou seja, realizadas fora do âmbito escolar de acordo com o contexto em que se situa e com quem as pratica (KLEIMAN, 2006).

Em seu livro “Preciso ensinar Letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?”, a autora apresenta várias situações em que um texto é lido de várias maneiras por leitores diferentes. Nesse caso, eles não precisam estar alfabetizados uma vez que alguém pode ajudá-los. A esse tipo de prática é dado o nome de evento de letramento. (KLEIMAN, 2006).

Como citado anteriormente, a leitura e a escrita são consideradas práticas de letramento. Porém, a oralidade torna-se a primeira manifestação de letramento uma vez que a criança antes mesmo antes de ser alfabetizada é capaz de se expressar oralmente ao identificar, por observação, uma personagem e descrevê-la com suas características físicas e psicológicas.

O indivíduo alfabetizado é aquele que domina a leitura e a escrita como dito anteriormente. No entanto, este indivíduo nem sempre consegue redigir um texto específico por não dominar determinadas práticas sociais. Pode-se ler e escrever e não conseguir redigir um documento ou um contrato. Dessa maneira é possível intitulá-la como iletrado ao invés de analfabeto. De acordo com Kleiman (2006) existem dois tipos de letramento: o autônomo e o ideológico.

Como autônomo, entende-se aquele adquirido na escola da maneira que o professor prioriza a leitura e a escrita, transmite ao aluno o conteúdo e ele, de maneira independente, desenvolve seu aprendizado. Esse modelo de letramento



está diretamente ligado ao cognitivo do aluno e está diretamente ligado ao que o aluno aprende na escola.

Como ideológico entende-se aquele transmitido entre gerações, faz uso da oralidade e das práticas sociais e culturais. Tal modelo prioriza os chamados conhecimentos de mundo, ou seja, a criança traz conhecimentos adquiridos a partir de práticas e eventos de letramento desenvolvidos fora do ambiente escolar. Ao recontar uma história mesmo sem saber ler, a criança consegue identificar personagens, determinar espaços e descrever características de personagens mesmo não tendo lido a história.

No livro “Os significados do letramento”, Terzi (2004) apresenta resultados de pesquisas em que crianças letradas possuem um melhor rendimento por já possuírem o chamado “conhecimento de mundo”. A criança ao ver uma imagem como a logomarca de um sanduiche muitas vezes conseguem identificar o local mesmo sem dominar a modalidade leitura.

Como exemplo pode-se citar os arcos dourados que identificam para ela que ali existe um McDonalds e também a imagem de rosquinhas açucaradas que são vistas por ela em desenhos na TV e com isso sabe que se trata dos famosos Donnut's. Interessante que, muitas vezes, os nomes identificados pela criança em questão são escritos em outro idioma e nem assim ocorre um bloqueio de compreensão.

Após apresentar as definições de alfabetização e letramento com suas características e abrangência no processo formador do indivíduo, este trabalho visa estabelecer a relação do uso do tablet no processo de alfabetização e letramento de crianças em sua fase de escolarização inicial. Para tal, deve-se tratar do uso de tecnologias que são usualmente inseridas em sala de aula.

### **3.3. Letramento digital**

#### **3.3.1– Relação com a alfabetização**

Quando se trata de letramento, como dito anteriormente, verifica-se a relação da escrita e leitura com as práticas sociais. No caso do mundo virtual faz-se necessário verificar e adequar equipamentos a tal relação.

Coscarelli (2005) apresenta em seu livro “Letramento digital”, no artigo “Alfabetização e letramento digital”, a importância da informática nos meios acadêmicos e a apresenta não como solução de problemas, mas como ferramenta de enriquecimento e utilidade.

A autora ressalta o fato de que a máquina não funciona como substituta dos professores no momento em que afirma ser necessária a presença humana para o funcionamento da mesma. Na verdade, o que se torna importante é a capacidade do professor adequar a inserção da tecnologia em suas aulas. Segue e apresenta todas as possibilidades de utilização das novas tecnologias.

Coscarelli (2005) apresenta ainda as possíveis vertentes de navegação. De um lado, o método conteudista em que o professor se apossa da máquina para despejar milhares de conteúdos aos alunos que atuam como espectadores e de outro, o método interacionista em que há uma evidente participação discente e que, segundo a autora cria “uma situação de construção coletiva de saber”. (COSCARRELLI, 2005). O modo interacionista traz a participação efetiva dos alunos em sala de aula. Desta maneira há uma interação professor/aluno, o que possivelmente oferece ao aluno a possibilidade de explorar melhor seus conhecimentos.

Outro ponto abordado pela autora é a não permanência constante dos alunos em frente às telas, pois a fase inicial dos projetos elaborados como organização do tema, organização e divisão de tarefas não necessitam da máquina e a inclusão de alunos socialmente excluídos. Como exemplo cita-se o fato de que nem todos podem ter acesso a todos os ambientes de letramento.

Segundo a autora, nem todas as escolas conseguem atualizar sua biblioteca com material de cultura nacional e internacional e nem proporcionar a seus alunos visitas em ambientes como museus, fábricas, teatros, zoológicos, feiras, dentre outros. Com isso, o ambiente virtual serviria como suporte na aquisição da aprendizagem em relação a estes locais.

Em relação à alfabetização e sua relação com o mundo digital faz-se necessário o domínio de alguns recursos como saber navegar nos sites, ter a leitura e a escrita para que haja uma digitação favorável (COSCARRELLI, 2005).

A autora abre um parêntese em relação à capacitação do professor uma vez que este será o mentor das atividades, ou seja, como ensinar ao aluno aquilo que não se domina? Ela ainda questiona a respeito da atuação das universidades em relação a esta formação.

Verifica-se ainda a defesa da inserção da informática não como matéria equivalente às demais, mais sim como um recurso que auxilie os demais componentes curriculares. Como atividade para os alunos, a autora sugere o *e-mail* como uma maneira prazerosa na prática textual uma vez que o aluno interage com os colegas. (COSCARELLI, 2005).

### **3.3.2– O uso do tablet na alfabetização**

Com interesse em entender a inserção das novas tecnologias nos processos de alfabetização e letramento, Freire (2005) reflete qual seria a verdadeira contribuição dos computadores nos processos acima citados.

Segunda a autora, em uma cultura ocidental a alfabetização consiste em compreender as relações existentes entre o sonoro e o escrito e seu significado e sentido. Historicamente, Freire (2005) ressalta haver uma grande valorização da cultura manuscrita e ainda uma grande exigência pela escrita contínua. No entanto, anteriormente para se dominar a escrita, desde os primeiros anos na escola, bastava que o aprendiz soubesse reproduzir as letras com legibilidade. Para isso, a letra maiúscula passa a ser mais usada uma vez que causa menos equívoco. (FREIRE, 2005)

Do ponto de vista cognitivo, a autora afirma que, ao se pensar em um termo, se o aprendiz tiver de pensar qual letra o representa e como é escrito, esse acúmulo de tarefas pode trazer mais dificuldades. Já se for liberado da escrita e usar da digitação, possivelmente os desafios seriam outros uma vez que a letra já está disponível para uso.

Nesse novo formato, a autora ressalta a ideia de que as crianças possam inicialmente utilizar o computador para interagir, trocar correspondências e buscar informações. Assim, a criança ainda sem ler e escrever poderia lançar mão da ajuda de um adulto letrado para obter o que for necessário.

No seguimento do processo, poderiam ainda ser incentivadas a acionar comandos na tela para ouvir e ver histórias. Para Freire (2005), diferente do livro, o computador oferece recursos e seu uso pedagógico pode ser incentivado com a criação de programas que propiciem o ensino da leitura de escrita. A autora segue e apresenta uma situação em que, em uma classe, segundo ela, convencional, os professores lêem um texto e pedem aos alunos que sigam com o dedo no livro para que se estabeleça uma relação entre o oral e escrito e considera essa relação um problema conceitual.

Por outro lado, analisa a situação em que a criança aciona um comando na tela que permite que ela ouça e visualize a história simultaneamente com sua escrita. Desta maneira, para Freire (2005), a percepção da relação entre escrita e oralidade se torna mais eficaz (FREIRE, 2005).

Ao pensar nas estratégias utilizadas para melhor aproveitamento do aluno, a autora sugere que se utilizem títulos de histórias conhecidas e a esses nomes se estabeleça uma relação de letras. Como exemplo, ela sugere a palavra Rapunzel que seria escrita sem a letra inicial e com o desenho da personagem. Ao lado, seriam grafadas várias letras que a criança pudesse escolher. Para uma melhor compreensão, ao acionar a letra ao lado, o som dessa letra seria sonorizado e assim, a criança poderia verificar se sua escrita está correta.

Outra ideia apresentada pela autora é a associação de uma imagem com personagens aos textos escritos ao lado. Assim, o aluno saberia relacionar o texto escrito com a imagem de maneira a identificar elementos conhecidos. Para ela, a quebra do vínculo com o papel e a liberdade de não mais ter que pensar em escrever a letra, uma vez que estas estão disponíveis no teclado, poderia reduzir a dificuldade da tarefa para o aprendiz (FREIRE, 2005).

Com isso, o presente trabalho visa, como dito anteriormente, verificar junto à educadores a evolução no processo de alfabetização a partir da utilização do *tablet* em sala de aula. Desta maneira será feita tal verificação a partir de entrevistas que serão apresentadas a seguir.

### 3.3.3 – A educação na cibercultura

Quando se trata de evolução, um dado importante é a velocidade do surgimento do novo formato virtual. Em seus estudos, Lévy (1999) constata que os saberes são rapidamente renovados devido à grande velocidade que surgem na cibercultura. ( LÉVY, 1999). O autor apresenta como nova forma de trabalho elementos como o aprendizado, a transmissão de saberes e a produção de conhecimentos e afirma:

A segunda constatação, fortemente ligada à primeira, diz respeito à nova natureza do trabalho, cuja parte de transação de conhecimentos não para de crescer. Trabalhar quer dizer, cada vez mais, aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos. ( LÉVY, 1999, p.157)

Ainda como constatação, afirma que a cibercultura torna-se um espaço de tecnologias intelectuais que fazem relação com o cognitivo humano amplificando-as e modificando-as. Cita como componentes desse processo: a memória, a imaginação, a percepção, dentre outros.

O autor apresenta um novo modelo de pedagogia que estabelece uma nova postura do profissional da educação a partir do momento em que ele deve se tornar mais um animador da inteligência do que um transmissor de conhecimento. Com isso, torna-se necessário uma constante atualização na maneira de ensinar, uma vez que a tecnologia invade o mercado acadêmico. (LÉVY, 1999).

Ainda em seus estudos são abordadas preocupações acerca das possíveis substituições do antigo pelo novo, do natural pelo técnico e do virtual pelo real uma vez que surge medo de que as relações humanas sejam estremecidas pelo mundo cibernético. ( LÉVY,1999).

Em uma análise, o autor afirma ser raro que um novo modelo de comunicação anule o anterior e cita como exemplos a fotografia que vem em uma evolução mas não substitui a pintura, o cinema que , apesar de suas inovações, não substitui o teatro e a própria televisão que não concorre diretamente com o cinema apesar de tê-lo afetado.

Em outra análise, Prensky (2001) em seu artigo intitulado “Nativos digitais, imigrantes digitais” reflete a partir da evolução no meio acadêmico em que alunos convivem em uma nova realidade: o mundo virtual. Estão cotidianamente

conectados à aparelhos eletrônicos como computadores, vídeo games, celulares e brinquedos digitais. Nesse contexto todas as informações adquiridas por eles integram suas vidas e influenciam suas ações.

O autor trata esta geração como “Nativos digitais”, ou seja, pessoas que convivem com a tecnologia com a mesma facilidade de aprendizado com que aprendem sua língua materna. Já a geração anterior a esse novo formato é tratada como “Imigrantes digitais”, pois, ao aprenderem a nova linguagem, carregam vícios anteriormente adquiridos.

Prensky (2001) ainda ressalta a preocupação com os educadores que, sendo imigrantes digitais, têm de ensinar a geração de nativos digitais sem que possuam a capacitação necessária para tal. As crianças desta nova geração aprendem facilmente essa nova linguagem e dificilmente aceitam a antiga metodologia apresentada por professores que teimam em não dominar o universo virtual.

O autor defende a ideia de que professores devem se atualizar e aprenderem novo formato de obtenção de conhecimento: o computador. Ao vencer essa barreira, aproximam-se mais da realidade cotidiana de seus alunos e com isso conseguem despertar neles mais interesse pelo aprendizado. Ainda em suas análises divide os conteúdos em legado e futuro, sendo esse o que desperta nos alunos mais curiosidades e interesses como software, robótica, línguas e outros e aquele o que inclui escrita e leitura, além do entendimento do que é lido.

#### **4. Metodologia**

O presente trabalho trata de uma pesquisa acerca da utilização do *tablet* no processo de alfabetização e letramento. Com isso, faz-se necessário a investigação deste tema junto a profissionais que utilizam tal tecnologia em sala de aula.<sup>1</sup>

Para tal, serão feitas entrevistas com professoras que atuam no processo de alfabetização em escolas que já possuem em sua grade curricular disciplinas que utilizam como ferramenta para aquisição de conteúdo, o computador.

---

<sup>1</sup> As entrevistas encontram-se no anexo do presente trabalho.

Para Lakatos (2005), a entrevista tem como objetivo geral a obtenção de informações a respeito de determinado tema. Dentre os objetivos específicos, a autora lista alguns: Determinar a opinião de quem é entrevistado acerca do assunto abordado, descobrir os planos de ação de como o tema será trabalhado, ou seja, no caso da presente pesquisa, como é feita a utilização do *tablet* em sala de aula. (LAKATOS, 2005)

Dentre os tipos de entrevista, a autora cita a estruturada ou padronizada, a despadronizada ou não estruturada e o painel.

O primeiro trata da entrevista em que um roteiro é pré-estabelecido e as perguntas pré-determinadas. Tal formato permite que todos os entrevistados respondam as mesmas perguntas de maneira que posteriormente possa haver uma comparação entre as entrevistas.

O segundo trata da entrevista em que o entrevistador tem liberdade de conduzir as perguntas da maneira que mais achar adequado, o que lhe permite uma maior e ampla discussão acerca do tema.

Finalmente como terceiro tipo, está o painel que consiste na repetição das perguntas e/ou entrevistas às mesmas pessoas de maneira a estudar e pesquisar a evolução ou não do tema abordado (LAKATOS, 2005).

Segundo Lakatos (2005), a entrevista deve possuir diretrizes. Dentre elas, o entrevistador deve ter, com o entrevistado, um contato inicial para que sejam estabelecidas suas finalidades e relevância, assim como escolher um local que seja agradável para sua realização. Ainda como diretrizes, as perguntas devem ser estruturadas de acordo com o tipo de pesquisa e suas respostas devem ser registradas e/ou gravadas para maior fidelidade.

Segundo a autora, o registro deve ser feito na íntegra do que foi dito pelo entrevistado, pois uma vez que o entrevistador opte por registros posteriores, pode-se deixar alguma informação pendente em consequência de um esquecimento.

O presente trabalho foi realizado com base no primeiro tipo, ou seja, a entrevista estruturada. Foram selecionadas perguntas previamente elaboradas que foram respondidas por professoras atuantes em sala de aula com crianças em fase

de alfabetização. Para tal, foi marcada previamente com as entrevistadas, foram feitas anotações e posteriormente as respostas foram transcritas na íntegra uma vez que foram gravadas no momento da entrevista.

As entrevistas foram realizadas em escolas da rede privada de ensino com 03 professoras atuantes na área. A primeira é coordenadora do fundamental I e participa do processo de preparação das aulas em parceria com sua equipe de docentes. A segunda e a terceira atuam como professoras em classes de primeiro ano e são responsáveis pelo processo de alfabetização dos alunos. Tais profissionais possuem a formação necessária para a realização das atividades realizadas e planejam suas aulas em conformidade com o currículo da escola.

Tal processo está em conformidade com os passos apresentados pela autora em seu livro “Fundamentos da metodologia científica”. A análise das entrevistas estruturadas realizadas acerca do tema será apresentada a seguir.

## **5. ENTREVISTAS**

As entrevistas apresentadas foram realizadas em escolas de ensino fundamental I e as respostas foram transcritas na íntegra uma vez que na primeira escola foram gravadas e na segunda foram respondidas por e-mail. Após a realização verificou-se que, as escolas participantes fazem uso do tablet em suas aulas.

### **5.1 O uso do tablet no processo de alfabetização:**

A primeira entrevista foi realizada pela coordenadora Joana que afirmou ser o dispositivo um facilitador no processo de alfabetização, uma vez que aproxima o aluno das tecnologias e amplia o seu campo de conhecimento.

Claro que facilita primeiro porque aproxima os meninos da tecnologia porque agora eles têm o mouse nas mãos. Outra coisa é que o tablet eles manuseiam eles mesmos e porque tem muita cor. É som, é imagem, então realmente facilita.



Completo ainda que com o uso deste dispositivo, em sala de aula, os alunos ampliam seu vocabulário uma vez que trabalham com jogos educacionais referentes a essa temática.

Na maioria das vezes nós trabalhamos com jogos educacionais nessa fase de alfabetização. Então, o tablet tá ensinando a letra p e então a gente vê um jogo. Por exemplo, coloca um monte de figura e o tablet fala: Toque na figura que comece com a letra "P". Aí o aluno toca e assim vai trabalhando os jogos e botando os graus de dificuldade.

A entrevistada ao ser questionada a respeito das possíveis dificuldades em trabalhar com essa tecnologia, afirmou não ter problemas uma vez seus alunos já possuem afinidade com o manuseio do tablet.

Nenhuma. Parece que eles já nasceram. É a geração deles mesmo. Então, não tem nenhuma dificuldade.

No entanto a mesma alertou quanto ao cuidado que deve ser tomado com os possíveis acessos em páginas não confiáveis.

...Então, os sites que elas não podem entrar têm de estar bloqueados porque senão ela pode acessar uma coisa que não é da faixa etária dela...

A segunda entrevista foi realizada com a professora Carla do primeiro ano do ensino fundamental I, que afirmou utilizar os tablet como um recurso pedagógico que complementa suas aulas por ser um dispositivo ampliador na área de linguagens uma vez que proporciona ao aluno o aumento de seu vocabulário e sua percepção com sons e imagens.

O tablet contribui para a percepção das diferentes formas de linguagens (letras, números, símbolos). Os jogos de perguntas e respostas são ferramentas que possibilitam o desenvolvimento de vários conteúdos. A própria internet como fonte de pesquisa também auxilia no processo de alfabetização e proporciona a aquisição do conhecimento de forma letrada.

Quanto às temáticas trabalhadas, a professora afirma que, em suas aulas, as pesquisas são feitas com certo direcionamento de acordo com os temas trabalhados em sala de aula e assim como na primeira entrevista, percebe-se que os alunos não

possuem nenhuma dificuldade com o manuseio do dispositivo por possuírem um conhecimento prévio trazido de casa.

O tablet é usado para fazer pesquisas sobre um tema específico, para jogos de perguntas e respostas (Quiz) sobre um tema geralmente revisão de conteúdo.

A professora afirma ainda que uma das dificuldades apresentadas no manuseio do dispositivo é manter os alunos com foco nas atividades propostas, uma vez que existem várias atividades e recursos disponíveis no tablet que podem levar o aluno a desviar sua atenção.

Manter o foco no que está sendo apresentado sem se dispersar com os múltiplos recursos disponíveis.

Ela finaliza com a afirmação de que, ao longo da aula, não possui problemas, pois há um interesse constante por parte dos alunos nas atividades propostas.

Geralmente nas aulas com o tablet, as crianças se envolvem e a dispersão, quando há, é apenas quanto à utilização do próprio tablet. As aulas sempre são dinâmicas e bem animadas, com a participação ativa de todos os alunos.

A professora finaliza com a afirmação de que o uso do tablet torna as aulas mais interessantes e dinâmicas e vê como positivo sua utilização uma vez que percebe um maior desenvolvimento por parte dos alunos no manuseio do dispositivo o que permite uma fixação do conteúdo abordado. Para ela, não existem desvantagens uma vez que a escola deve acompanhar a evolução tecnológica.

Além de tornar as aulas mais dinâmicas e interativas, há vários outros pontos positivos na utilização dos tablets nas aulas, como o desenvolvimento das habilidades digitais (letramento digital), a autonomia no processo de aprendizagem ao buscar e manipular as informações pesquisadas, o contato com os múltiplos recursos para a melhor compreensão de um conteúdo (texto, imagem, áudio, vídeo).

Não vejo desvantagens no uso desta ferramenta, pois acredito que a escola não deve ignorar a passagem do tempo e as características da nova "era digital". A escola deve acompanhar a evolução da sociedade e ser capaz de influenciar na construção de novos saberes.

A terceira entrevista foi realizada pela professora Poliana também do primeiro ano do ensino fundamental I, que afirmou ser a primeira escola em que ela utiliza o tablet como complemento no processo de alfabetização. A docente ainda afirmou que o dispositivo serve tanto para pesquisa de temas abordados quanto para realização de tarefas em sala de aula.

Eu utilizo o tablet com os alunos do Le Petit desde que entrei na instituição. Em outras escolas que trabalhei não tínhamos este acesso. Conseguimos, por meio de jogos, a construção sistemática da alfabetização. As crianças ficam mais interessadas e isso facilita o processo.

Quanto às dificuldades no uso do tablet, pelos alunos, a professora alega não perceber nenhum problema e ainda ressalta a facilidade com que os discentes manuseiam tal instrumento. Ela considera ainda este trabalho aliado à tecnologia, algo enriquecedor no processo de alfabetização.

## 5.2 A frequência do uso do tablet em sala de aula

Quando se fala em frequência de uso do tablet, em sala de aula, percebe-se que apesar do dispositivo ter sido considerado, pelas entrevistadas, um importante elemento no processo de alfabetização, seu uso não é diário e constante. Nas duas escolas pesquisadas, é direcionado e adequado às atividades realizadas.

Verifica-se ainda que a segunda escola utiliza-se do dispositivo apenas uma vez no mês como fonte de pesquisa ou em jogos educativos enquanto a primeira, apesar de ter o mesmo propósito, aumenta a sua frequência no uso uma vez que usa o mesmo recurso uma vez por semana.

Tais entrevistas corroboram com o que foi tratado anteriormente em relação à alfabetização e letramento. Percebe-se uma associação entre o letramento ideológico citado por Kleimamn (2006) uma vez que este pontua a respeito do conhecimento trazido de casa, ou seja, o conhecimento de mundo. Quando as entrevistadas afirmam que seus alunos já dominam o uso do tablet, confirma o que a autora cita como letramento ideológico.

Em relação ao letramento digital citado por Coscarelli (2005), percebe-se também uma afinidade com as respostas apresentadas nas entrevistas uma vez que

a autora defende a ideia de que no processo de alfabetização é importante que o aluno não permaneça constantemente em frente às telas e ainda pontua a importância do professor uma vez que a máquina não o substitui efetivamente.

A autora ainda defende a inserção da tecnologia como auxílio nos diversos componentes curriculares trabalhados em sala de aula. Assim as entrevistas corroboram com tal afirmação uma vez que se percebe essa preocupação por parte das entrevistadas no momento em que o meio tecnológico é utilizado como complemento e facilitador no processo alfabetizador.

Cabe ressaltar a dificuldade encontrada em analisar o questionário uma vez que, em algumas respostas, não houve muito interesse, por parte da entrevistada, em responder de maneira completa o que lhe foi questionado.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com as pesquisas realizadas, verifica-se a importância do uso de novas tecnologias. A partir de estudos como de Magda Soares (2009) e Coscarelli (2005) pode-se verificar que as pesquisas realizadas abordam o tema proposto e que a realização de tarefas feitas pelas professoras no processo de alfabetização coincide com teorias anteriormente abordadas.

Em uma análise, verifica-se que o *tablet* uma estratégia pedagógica utilizada nas escolas para complementar o aprendizado dos alunos e que, ao ser utilizado, amplia o horizonte de conhecimentos. Verifica-se ainda os ambientes e as situações em que o *tablet* facilita o aprendizado das crianças na alfabetização.

O fato de ter imagens e sons segundo as entrevistadas, desperta nos alunos um interesse pela máquina. Outra observação relevante, segundo seus professores é que eles já detêm conhecimentos prévios acerca do universo digital. Tal conhecimento trazido de casa ou de outro local fora da escola confirma a teoria do letramento autônomo que consiste em agregar o conhecimento de mundo adquirido pelo aluno fora do âmbito escolar. Ainda na pesquisa analisa-se com que frequência e com quais objetivos o *tablet* é utilizado pelos professores envolvidos no processo.

A partir de tais observações, percebe-se que a tecnologia está cada vez mais presente no universo acadêmico e com isso, torna-se impossível ignorá-la. Desta maneira percebe-se ser necessária a capacitação de profissionais para que os conteúdos abordados sejam complementados no mundo virtual de maneira a acrescentar mais conhecimento aos pequenos.

Em outra análise, percebe-se a precocidade na utilização dos meios digitais uma vez que cada dia mais, os alunos menores fazem uso da tecnologia em seu cotidiano acadêmico. Sendo assim, a presente pesquisa torna-se relevante para o melhor desempenho dos alunos, uma vez que é indiscutível a inserção da tecnologia no universo acadêmico.

## 7. ANEXO

### 7.1- Entrevista 1:

Questão 1: A quanto tempo o tablet é usado na escola?

- A escola usa o tablet há cinco anos.

Questão 2: Ele facilita no processo de alfabetização?

- Claro que facilita primeiro porque aproxima os meninos da tecnologia porque agora eles têm o mouse nas mãos. Outra coisa é que o tablet eles manuseiam eles mesmos e porque tem muita cor. É som, é imagem, então realmente facilita.

Questão 3: Como é utilizado e com que frequência?

Não, não é utilizado com frequência. Digamos que pelo menos uma vez por semana.

Questão 4: O tablet é utilizado para realização de tarefas ou apenas para consultas?

Na maioria das vezes nós trabalhamos com jogos educacionais nessa fase de alfabetização. Então, o tablet tá ensinando a letra *p* e então a gente vê um jogo. Por exemplo, coloca um monte de figura e o tablet fala: Toque na figura que comece com a letra "P". Aí o aluno toca e assim vai trabalhando os jogos e botando os graus de dificuldade

Questão 5: Quais os mecanismos e aplicativos utilizados no tablet no processo de alfabetização?

Na maioria das vezes, jogos educacionais, mas se a escola tem tela interativa, a tela interativa tem aquela folha do caderno de caligrafia que você pode botar de fundo. Então, normalmente você pode escrever uma palavra e ele vem com o dedinho e escreve na tela interativa.

Questão 6: Os alunos recebem com facilidade o uso do tablet?

Adoram, adoram e pegam com uma facilidade maior que a nossa.

Questão 7: Quais as dificuldades apresentadas pelos alunos no uso do tablet?

Nenhuma. Parece que eles já nasceram. É a geração deles mesmo. Então, não tem nenhuma dificuldade.

Questão 8: Os alunos se concentram nas atividades ou há uma maior dispersão quando utilizam o tablet?

Eles se concentram, mas eles conversam muito entre um e outro. Ainda mais se estiver disputando, se tiver um joguinho. Os joguinhos educacionais têm aquela parte de você ir melhorando de fase. Então, se o colega melhorou ele pergunta: Como é que você conseguiu? Como é que você fez? Então, eles se interagem e eles gostam muito.

Questão 9: Você vê progresso com a utilização do *tablet*?

Se o *tablet* for bem usado para fins educacionais e bem organizado pela professora, tem sim e ajuda demais no processo.

Questão 10: Quais os prós e os contra na utilização do *tablet*?

É o que eu estou te falando. Tudo tem prós e contra. Primeiro, pra você utilizar os *tablets* ele tem que estar sempre muito bem organizado. Como assim organizado? A criança mexe em tudo. Então, os sites que elas não podem entrar têm de estar bloqueados porque senão ela pode acessar uma coisa que não é da faixa etária dela. Então, isso é uma coisa contra e a gente tem de prestar atenção. Prós é a velocidade com que elas fazem as coisas, a boa vontade que elas **têm** de fazer, elas gostarem de fazer. Então, elas vão com outra... Melhor que ficar só quadro/ quadro /giz. isso é uma coisa primordial pois chega na era deles que é uma era tecnológica pois eles são completamente digitais hoje em dia. É isso que eu penso.

## 7.2– Entrevista 2:

1. Você já usa o tablet há quanto tempo?

Uso o tablet nas aulas como recurso pedagógico há dois anos.

2. O que o tablet facilita no processo de alfabetização?

O tablet contribui para a percepção das diferentes formas de linguagens (letras, números, símbolos). Os jogos de perguntas e respostas são ferramentas que possibilitam o desenvolvimento de vários conteúdos. A própria internet como fonte de pesquisa também auxilia no processo de alfabetização e proporciona a aquisição do conhecimento de forma letrada.

3. Como ele é utilizado e com que frequência?

O tablet é usado em sala de aula como fonte de pesquisa ou para jogos educativos e Quiz com perguntas e respostas sobre determinado conteúdo. Geralmente é usado uma vez ao mês, contudo essa frequência caiu um pouco com a instalação do computador e do data show em sala.

4. O tablet é utilizado para realização de tarefas ou apenas para consulta?

O tablet é usado para fazer pesquisas sobre um tema específico, para jogos de perguntas e respostas (Quiz) sobre um tema (geralmente revisão de conteúdo).

5. Quais os mecanismos, aplicativos utilizados no tablet no processo alfabetização?

Navegadores de internet, Kahoot

6. Os alunos recebem, com facilidade, o uso do tablet?

A nova geração, na maior parte das vezes, em sua totalidade já tem domínio de algumas ferramentas presentes do tablet e manuseia de forma segura e curiosa. Sempre estão explorando os recursos do tablet como a câmera, calendário etc.

7. Quais as dificuldades apresentadas pelos alunos no uso do tablet?



Manter o foco no que está sendo apresentado sem se dispersar com os múltiplos recursos disponíveis.

8. Os alunos se concentram na atividade ou há uma maior dispersão quando utilizam o tablet?

Geralmente nas aulas com o tablet, as crianças se envolvem e a dispersão, quando há, é apenas quanto à utilização do próprio tablet. As aulas sempre são dinâmicas e bem animadas, com a participação ativa de todos os alunos.

8. Você vê progresso na utilização do tablet?

O tablet é sim um excelente recurso para ser utilizado nas salas de aula. E pode contribuir para a aprendizagem dos alunos se forem conduzidos de maneira estruturada, planejada e moderada.

9. Quais os prós e os contras, na utilização dos tablets?

Além de tornar as aulas mais dinâmicas e interativas, há vários outros pontos positivos na utilização dos tablets nas aulas, como o desenvolvimento das habilidades digitais (letramento digital), a autonomia no processo de aprendizagem ao buscar e manipular as informações pesquisadas, o contato com os múltiplos recursos para a melhor compreensão de um conteúdo (texto, imagem, áudio, vídeo) etc.

Não vejo desvantagens no uso desta ferramenta, pois acredito que a escola não deve ignorar a passagem do tempo e as características da nova “era digital”. A escola deve acompanhar a evolução da sociedade e ser capaz de influenciar na construção de novos saberes.

### 7.3 – Entrevista 3

1. Você já usa o tablet há quanto tempo?

Eu utilizo o tablet com os alunos do Le Petit desde que entrei na instituição. Em outras escolas que trabalhei não tínhamos este acesso.

2. O que o tablet facilita no processo de alfabetização?

Conseguimos, por meio de jogos, a construção sistemática da alfabetização. As crianças ficam mais interessadas e isso facilita o processo.

3. Como ele é utilizado e com que frequência?

1 vez a cada 15 dias, conforme o planejamento.

4. O tablet é utilizado para realização de tarefas ou apenas para consulta?

Os dois.

5. Quais os mecanismos, aplicativos utilizados no tablet no processo de alfabetização?

Usamos muito o Kahoot e sites de jogos educativos.

5. Os alunos recebem, com facilidade, o uso do tablet?

Sim!

6. Quais as dificuldades apresentadas pelos alunos no uso do tablet?

Poucos apresentam dificuldades. A grande maioria utiliza o recurso tecnológico com facilidade.

7. Os alunos se concentram na atividade ou há uma maior dispersão quando utilizam o tablet?

Amam. Ficam muito concentrados.

8. Você vê progresso na utilização do tablet?

Muito

10. Quais o prós e os contras, na utilização dos tablets?

Percebo que dentro do perfil de famílias que atendemos, a utilização do tablet é um recurso de muito enriquecimento aos nossos alunos. Eles já possuem acesso em casa e isso facilita ainda mais o uso em sala de aula. Se o uso em sala de aula é supervisionado, não vejo problema algum.

## 8. REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança**. 2. ed. Rio de Janeiro. LTC, 2016.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 14 de dezembro de 2018.

COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3 ed. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2005.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” letramento? Não basta ensinar a ler e escrever? Linguagem e letramento em foco**. Campinas: Cefiel / IEL /Unicamp. 2006.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.). TERZI, Sylvia Bueno. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo. Atlas,2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa – São Paulo. Ed. 34,1999.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. 7a ed. São Paulo. Melhoramentos, 1961.

PRENSKY, Marc. Disponível em <http://www.marcprensky.com/writing/> (Acesso em 2019, texto publicado na sua primeira versão em 2001).

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo. Parábola, 2006.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **Sociologia na infância: Correntes e Confluências**. Petrópolis, Vozes,2009

SOARES, Magda. ***Letramentos em três gêneros***. 3 ed. Belo Horizonte Autêntica, 2009.